



TEORIA E PRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DE UM CAMPO DE ESTÁGIO

THEORY AND PRACTICE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: ANALYSIS OF AN INTERNSHIP FIELD

Maria Júlia Carbonar¹

Vanessa Socoloski²

Felipe Augusto Fernandes Borges³

RESUMO: A presente pesquisa tem por objetivo discorrer sobre as legislações que embasam a Educação Infantil, sua historicidade, além de apresentar uma experiência em campo de estágio. Discutem-se aqui as inúmeras transformações no âmbito educacional, abordando o cuidar na perspectiva assistencialista e o educar como uma preocupação voltada ao desenvolvimento integral da criança. Este estudo utiliza pesquisa de campo por meio de observações participativas, intervenções e pesquisa bibliográfica. Com a conclusão desta pesquisa percebe-se que os direitos das crianças descritos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) muitas vezes não são cumpridos de maneira efetiva, devido a diversos fatores, sendo: falta de infraestrutura, de recursos financeiros, de formação continuada e atualização dos professores da área da Educação Infantil. Ressalta-se que neste estudo pode-se relacionar a teoria com a prática, vivenciando as experiências como professor, o que é essencial para o crescimento profissional e a aquisição de novos conhecimentos.

Palavras-chave: Educação Infantil; Brincadeira; Professor; Educar; Cuidar.

ABSTRACT: This research aims to discuss the legislation that underlies Early Childhood Education, its historicity, in addition to presenting an experience in the internship field. The numerous transformations in the educational field are discussed here, approaching care from a welfare perspective and educating as a concern aimed at the integral development of the child. This study uses field research through participatory observations, interventions and bibliographical research. With the conclusion of this research, it is clear that the rights of children described in the Base Nacional Comum Curricular (BNCC) are often not effectively fulfilled, due to several factors, namely: lack of infrastructure, financial resources, continuing education and updating of teachers in the Early Childhood Education area. It is noteworthy that in this study, theory can be related to practice, experiencing experiences as a teacher, which is essential for professional growth and the acquisition of new knowledge.

Keywords: Child education; Joke; Teacher; To educate; To care.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado I juntamente com a Prática Docente I, presente na grade curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR Campus Pitanga, foi realizado em um CMEI -

¹Maria Júlia Carbonar, Graduação em Pedagogia pelo Instituto Federal do Paraná, m.juliacarbornar@gmail.com

²Vanessa Socoloski, Graduação em Pedagogia pelo Instituto Federal do Paraná, vanesocoloskii17@gmail.com

³Felipe Augusto Fernandes Borges, Doutorado em História pela Universidade Estadual de Maringá, felipe.borges@ifpr.edu.br



Centro Municipal de Educação Infantil, localizado no município de Pitanga-PR. O objetivo do estágio supervisionado é proporcionar aprendizados no campo de atuação relacionando a teoria e a prática, ou seja, a práxis.

A partir das observações participativas no campo de estágio foi planejada uma intervenção pedagógica na Educação Infantil em uma turma de “Maternal I”, turma com faixa etária de crianças de 1 a 2 anos. A metodologia empregada para a realização deste estudo foi: pesquisa de campo (observações participativas) e pesquisa bibliográfica em artigos, livros e capítulos de bibliografia qualificada.

Com a realização do Estágio Supervisionado I observa-se a importância de trabalhar o lúdico na Educação Infantil, a partir de momentos coletivos em que a criança possa interagir e desenvolver o seu cognitivo.

O ato de cuidar e educar na Educação Infantil teve inúmeras mudanças de acordo com o momento histórico vivido, visto inicialmente como um lugar em que apenas depositavam-se crianças, hoje é visto como um espaço que é primordial para o desenvolvimento humano, buscando maneiras de auxiliar a criança respeitando sua realidade e sua diversidade. Partindo deste princípio nos deparamos com a função de educar na infância, o qual é o início para que os pequenos desenvolvam as capacidades de pensar, de agir e de sentir para que consigam compreender o mundo.

Quando se pensa na brincadeira, percebe-se que é um campo amplo, pois brincar acompanha os indivíduos diariamente, o lúdico durante a Educação Infantil é essencial para que as crianças possam ter desenvolvimento amplo nas suas capacidades como: a atenção, a imitação, a memória e a imaginação. As atividades lúdicas aplicadas de maneira correta ajudam na formação, na socialização e no desenvolvimento das habilidades cognitivas, afetivas e sociais.

O educador deve estar preparado teoricamente para lidar com os desafios do cotidiano, sendo comprometido com a valorização e o desenvolvimento dos conhecimentos da criança, para que ela consiga encontrar o caminho de aprender a aprender. A instituição infantil junto com o professor deve auxiliar o sujeito no seu processo de formação oferecendo um ambiente que favoreça o desenvolvimento do intelecto e o pessoal.

EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E SUAS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

A educação brasileira e a infância estão presentes em um campo de investigação muito amplo. Percebemos que com a chegada dos jesuítas no Brasil houve preocupações com a conversão dos “gentios” e com o ensino das crianças, pois os meninos poderiam imprimir a doutrina cristã de maneira mais eficaz. A civilização dos nativos e portugueses se deu através de conflitos, criando novos significados para os chamados “gentios”, como seres sem conhecimentos religiosos prévios, ou seja, seriam indivíduos suscetíveis à conversão. Os portugueses buscavam que a população nativa abandonasse os maus hábitos e incorporasse os bons costumes (bons e maus, destaque-se, na concepção dos colonizadores). A ideia era civilizar a um modelo que foi imposto pelos colonizadores, sendo assim, “A nova elite que se constitui nestes espaços coloniais desenvolverá, na



longa duração, processos pedagógicos de integração destas populações submetidas, inclusive na construção legal de comportamentos e práticas integrativas desejáveis” (GEBARA, 2009, p. 19)”.

A missão jesuítica se iniciou com a perspectiva de que os gentios eram papéis em branco, mas com o passar do tempo os padres encontraram dificuldades no processo da evangelização, pois viam que eles tinham as suas vivências. Portanto começaram a investir na educação dos meninos índios, com medidas consideradas civilizadoras como castigos físicos, pois “tratava-se, antes de tudo, de educar os menores que cuidariam de ensinar – também cotidianamente – a doutrina aos mais velhos [...]” (DAHER, 2001, p. 50).

Segundo Mary Del Priore (1996) a concepção de criança do período colonial era da criança-mística, ou seja, aquele que deveria ser igual a Jesus tendo como qualidades a pureza da ingenuidade e a inocência. Seus comportamentos deveriam ser de acordo com os padrões de bom comportamento, doçura e divindade. Partindo desse pensamento percebemos que a educação fazia parte do processo civilizador em que os jesuítas fundamentaram na sua missão que a criança é um “[...] ‘papel branco’, a cera virgem, em que tanto desejava escrever; e inscrever-se”, afirma Del Priore (1996, p.12).

Ainda de acordo com Mary Del Priori (1996) as mudanças ocorridas com as crianças do passado e as atuais mostram o desenvolvimento das condições de cuidado e a preocupação com o desenvolvimento intelectual. A infância da elite estava voltada aos saberes educativos, ou seja, poderiam brincar buscando o aprendizado. As crianças filhas de agricultores não conseguiam ter uma infância, pois precisavam ajudar seus pais nos afazeres para a sua sobrevivência. Mas deve-se levar em consideração que mesmo com poucas condições, as crianças eram valorizadas no meio familiar. No decorrer do século XVIII a Educação Infantil era voltada para crianças da elite, neste momento buscou-se um melhor aprendizado, a partir da relação do professor e aluno. No século XIX começa a se ampliar o número de escolas no Brasil, pois com valorização da criança se teve a preocupação de melhorar o ensino. Devemos entender que a infância sofreu inúmeras mudanças sociais e históricas de acordo com o momento que estava sendo vivenciado, dessa maneira as relações foram construídas conforme as experiências geradas, a partir de interações entre adultos e crianças.

Segundo Guimarães (2011) as primeiras creches brasileiras surgiram no século XX, com o objetivo de atender as mães que trabalhavam nas fábricas. O intuito desses lugares era o assistencialismo, pois se preocupavam apenas com alimentação, higiene e segurança das crianças.

Durante muito tempo a creche foi vista apenas como um depósito de crianças. Somente em 1988, com a promulgação da nova Constituição Brasileira, que ela se tornou um direito. Sendo assim, a creche começa a ser vista como um espaço para Educação Infantil, reconhecida como um direito da criança, das famílias, como um dever do Estado e como a primeira etapa da Educação Básica conforme está no artigo 208 da Constituição Federal: “Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: IV - Educação Infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade;” (BRASIL, 1988).

De acordo com Mariotto, “[...] uma opção da família e um dever do estado,



vinculando-se à área da Educação. Com isto, propostas pedagógicas foram elaboradas na tentativa de uma melhor estruturação desse espaço educacional e da superação de seu caráter puramente assistencialista” (MARIOTO, 2009, p. 29).

Em 1998, foi criado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), documento esse que regulamentava a Educação Infantil no Brasil.

Este documento constitui-se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras. (BRASIL, 1998, p.13).

No processo de construção da formação humana, as crianças são reconhecidas como sujeitos que possuem direitos e deveres. O acesso à educação é um direito fundamental para aprendizagem. Sendo assim, as instituições têm a responsabilidade de ensinar, garantindo o direito de cuidar e educar para que sejam cumpridos de forma indissociáveis. Guimarães (2011, p. 37) diz que “A ação de educar é entendida como instruir e transmitir conhecimentos (ensinar as cores, os nomes dos objetos etc.), numa perspectiva de tutela da ação da criança e de sua compreensão do mundo”. O cuidar segundo o autor “[...] é considerado como atender as demandas de sono, higiene e alimentação, proteger, ou “tomar conta” da criança numa intenção disciplinadora” (GUIMARÃES, 2011, p. 38). Pode-se entender que as instituições não são locais de depósito de crianças, mas que possuem uma função educativa.

As instituições infantis não são mais vistas apenas como local onde os pais deixam as crianças para serem cuidadas, mas acreditam que naquele lugar o indivíduo irá conhecer novos valores, sentimentos, interagir, desenvolver sua autonomia entre outros, ou seja, o ensino infantil está voltado para a interação e para brincadeira fazendo com que a criança crie experiências e conheça o mundo em que está inserida. Segundo Santos e Cruz (2010, p. 68):

Para a criança nada é mais importante do que os brinquedos, pois estes proporcionam um mundo do tamanho de sua imaginação. Para que uma criança se torne um adulto saudável e bem ajustado é necessário que seu corpo esteja constantemente ativo, sua mente alerta e curiosa, seu ambiente dotado de materiais atrativos e sua inter-relação com as outras pessoas se efetive de modo natural e efetivamente bem estruturado.

Para que haja a integração do cuidar/educar na Educação Infantil é necessário que o currículo e a formação do profissional tenham uma conexão, buscando com que as necessidades das crianças sejam atendidas para ter bons resultados no seu desenvolvimento físico, mental, social, emocional e cultural. Outro fator que auxilia no aprimoramento do processo educacional é o brincar, pois as brincadeiras possibilitam que por meio das imitações (jogo simbólico) a criança trabalhe a socialização com outros indivíduos, que sejam autônomas e críticas.

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não-brincar”. Se a brincadeira é uma ação



que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada. (BRASIL, 1998, p. 27)

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1988, p. 28) afirma que a utilização da brincadeira como uma forma de aprendizagem auxilia os professores a observar e construir uma visão individual de cada criança reconhecendo suas capacidades, o uso das linguagens, os recursos emocionais e afetivos.

A Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017 “institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica” (BRASIL, 2017). Destacamos que esta Resolução abrange a Educação Infantil e o ensino fundamental. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é “um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018).

A BNCC destaca os direitos da aprendizagem e do desenvolvimento da criança na Educação Infantil, sendo eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Por meio desses direitos deve-se garantir o acesso às interações com adultos e crianças, conhecendo diferentes culturas por meio dos conhecimentos vivenciados no ambiente familiar e institucional (BRASIL, 2018).

O documento estabelece os cinco campos de experiências: 1) o eu, o outro e o nós; 2) corpo, gestos e movimentos; 3) traços, sons, cores e formas; 4) escuta, fala, pensamento e imaginação e 5) espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que o ensino na Educação Infantil seja pautado no cuidar e no educar, sendo ações inseparáveis (BRASIL, 2018).

Os centros educacionais são lugares em que as crianças ampliam suas descobertas e suas experiências, sendo um espaço que deve atender todos os requisitos para que se tenha um desenvolvimento cognitivo completo. Neste aspecto a brincadeira lúdica ajuda muito na Educação Infantil, pois auxilia a criança a criar caminhos para seu desenvolvimento. O brincar não deve ser visto apenas como um passatempo porque contribui na ampliação da atividade cognitiva como: o raciocínio, a emoção, a psicomotricidade, a socialização e a linguagem. Segundo Piaget (1978, p.81) “A brincadeira favorece a autoestima das crianças auxiliando a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa, contribuindo para a interiorização de determinado modelo adulto”.

O campo de conhecimento necessário para o profissional de educação atuar nas instituições infantis promovendo uma educação de qualidade é a Licenciatura em Pedagogia, que deve proporcionar ao educador uma formação sólida e que o docente busque estar em um aprendizado constante. Segundo Libâneo:



Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos integrantes básicos da configuração da atividade humana. Neste sentido, educar é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais (2010, p. 30).

O professor tem um papel fundamental no desenvolvimento de suas atividades, pois deve considerar que cada indivíduo é único. Dessa maneira faz-se necessário que ele busque planejar sua aula, observando sempre a proposta pedagógica e procurando maneiras que despertem o interesse da criança para que almeja aprender. Para Guimarães (2011, p.48) o papel do educador “é não intervir autoritariamente no desenvolvimento cognitivo e moral da criança, mas contribuir para que aspectos deste seu desenvolvimento simplesmente aconteçam”.

Portanto, entendemos que o docente deve ser um pesquisador e investigador, precisa aprender a ouvir e observar seus pequenos entendendo que conforme as experiências vividas por eles podem-se gerar novos conhecimentos, ou seja, novas possibilidades de aprendizado. O ato de cuidar não se limita apenas em auxiliar a criança em suas necessidades básicas, mas sim em pensar nela como um sujeito ativo, sendo aquele que participa do que é proposto demonstrando interesse. Para que o desenvolvimento humano ocorra é necessário o cuidado, desta forma o professor deve sair da sua realidade e adentrar no mundo da criança para que consiga ensinar da melhor maneira e alcançar a sua aprendizagem.

RELATOS DE OBSERVAÇÃO EM UMA TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Iniciamos o primeiro dia de observação participativa na turma de “Maternal I”, com crianças de aproximadamente 1 a 2 anos de idade.

A instituição estava em processo de retorno das atividades presenciais devido à pandemia da COVID-19, e, no momento em que participamos do Estágio Supervisionado, o CMEI se encontrava em fase de adaptação e execução do protocolo de biossegurança, atendendo somente as crianças cujos pais ou responsáveis comprovassem a necessidade de permanência por motivo de trabalho.

Ao chegar no CMEI fomos bem recepcionadas pela diretora, que nos apresentou o espaço e a turma para a realização das observações participativas. Neste dia havia quatro crianças e a acolhida foi realizada por meio de brinquedos (carrinhos, bonecas) até o momento do café da manhã. Após a refeição dirigiram-se para o espaço do solário para atividades direcionadas pela professora, trabalhando coordenação motora (fina e grossa), cores, movimentos corporais (em cima, em baixo, para os lados) e localização espacial. Em seguida foi realizada a higiene das crianças e a refeição (almoço).

A volta das atividades presenciais evidenciou dificuldades momentâneas enfrentadas pelo município, um exemplo era a insuficiência de funcionários para atuar na área educacional. Por este motivo não conseguiram, naquele momento, atender as



crianças em tempo integral.

Percebemos que após um determinado tempo as crianças perderam interesse nas atividades, pois ficavam longos períodos em uma única brincadeira, se dispersando. É importante destacar que não havia uma rotina estabelecida, que a educadora estava conhecendo as crianças, criando vínculos afetivos, ou seja, todos estavam em fase de adaptação.

Na segunda observação, as crianças, ao chegarem ao CMEI, foram recepcionadas pela professora, que durante a acolhida disponibilizava brinquedos (carrinhos, bonecas, animais, etc.) para que brincassem na mesa, sentados até a chegada do café da manhã.

A professora pediu para nós (estagiárias) auxiliarmos na decoração da sala, pois estava se aproximando da data comemorativa do Carnaval. Neste momento percebemos que na parede havia colado uma folha com todas as datas comemorativas deste ano letivo, que segundo ela deveriam ser trabalhadas.

Durante um tempo da manhã as crianças ficaram brincando em um túnel feito de tecido, percebemos que elas foram ficando agitadas e, como estavam em um momento mais livre, sentamos no chão e começamos com a musicalização. Enquanto isso, a educadora fez o momento de higienização, em seguida o almoço e o momento do descanso. A partir deste dia o atendimento às crianças aconteceu em tempo integral.

Na observação do terceiro dia, durante a chegada as crianças foram novamente recepcionadas pela professora com brinquedos diversos até o momento do café da manhã, em seguida foram disponibilizadas peças de madeira coloridas e de diferentes formas geométricas. Trabalhou-se a música “Seu Lobato”, proporcionando às crianças conhecer, imitar e fazer os gestos dos animais.

A professora levou neste dia a dobradura de um gato que as crianças pintaram com tinta guache e em seguida fizeram uma colagem livre utilizando folhas de árvores. No momento da higienização foram disponibilizados brinquedos para as demais até o horário da refeição, após isto as crianças foram conduzidas para a sala de descanso.

No quarto dia de observação do Estágio, após a recepção, as crianças foram brincar com peças de lego, observando as cores, formatos, podendo assim desenvolver a criatividade por meio de diversas construções. Em seguida, se organizou um boliche para a turma, cada criança tinha que esperar a sua vez para jogar e o foco central era que conseguissem acertar, assim era contado o número de pinos derrubados. Logo após, a professora disponibilizou diversos brinquedos para as crianças brincarem sem interferência dos educadores, enquanto eram conduzidas para a higienização, o momento da refeição e, por fim as crianças foram direcionadas para a sala de descanso.

Na observação do quinto dia de Estágio foi trabalhado o dia do circo com as crianças, partindo de uma história, em seguida a professora propôs um carimbo com os dedos para fazer o cabelo do palhaço. A brincadeira bola no palhaço possibilitou que as crianças conhecessem as partes do corpo, as cores das bolas e tamanhos diferentes.

Por fim, na sexta e última observação deste ciclo de Estágio Supervisionado, a atividade proposta foi um circuito, utilizando bambolês, túnel de tecido e as mesas, visando desenvolver a coordenação motora grossa. Foi confeccionado um cartão para ser entregue na reunião de pais.

Ao concluirmos as observações percebemos o quanto foi relevante para a nossa



formação acadêmica, pois pudemos analisar a realidade da sala de aula e o preparo das aulas que foram conduzidas pelos docentes, em alguns momentos vagos, em que as crianças ficavam em sala, nós chamávamos para cantar músicas que eles gostavam. Ressalta-se que atualmente o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) tem uma preocupação voltada ao processo do cuidar e do educar, sendo um espaço que deve atender todos os requisitos para que se tenha um desenvolvimento cognitivo completo da criança, que se tenha uma interação entre os colegas e que possam aprender por meio do lúdico.

As brincadeiras e as músicas são um dos diversos meios que os professores podem utilizar para proporcionar uma aprendizagem significativa, além disso é essencial que os docentes que atuam na Educação Infantil tenham um preparo qualificado (Licenciatura na área da educação, formações continuadas) e um planejamento de suas atividades considerando a realidade das instituições e dos alunos atendidos.

RELATOS DE INTERVENÇÃO EM UMA TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Com as observações participativas no Maternal I percebemos que era uma turma curiosa, colaborativa e agitada, sendo que em alguns momentos, se as crianças ficassem em uma única brincadeira ou atividade durante um período de tempo maior, percebíamos que haveria desinteresse.

Desta forma, a intervenção foi pensada a partir de vivências significativas proporcionando um aprendizado prazeroso.

A recepção das crianças foi realizada com animais de borracha com o intuito de trazer novos brinquedos e de trabalhar a temática dos animais. Os pequenos apreciaram: imitavam os sons, falavam seus nomes e observaram as suas características. Em seguida foi realizado um momento de musicalização com a canção “Que som esse bicho faz?”, até a chegada do café da manhã.

Iniciamos a rotina fazendo a chamada instigando as crianças a contar o nome dos seus amigos, os quais reconheciam pela foto, percebendo assim quem estava presente e quem faltou. Observamos como estava o tempo, questionando se estava frio ou calor, se a criança veio para o CMEI com muita ou pouca blusa. Durante toda a rotina foram preparadas músicas para cantar com as crianças.

Para o momento da história fizemos um círculo, contamos a história da galinha e realizamos uma roda de conversa questionando “quem eram os personagens?”, “onde eles viviam?”, “qual o som que eles faziam?”. Também mostramos imagens de diversos animais para ver se as crianças reconheciam.

O animal trabalhado neste dia foi o pintinho. Pensando que muitas crianças poderiam não ter o contato ou não o conhecer, foi proporcionado uma vivência com o animal. Os olhos das crianças brilhavam, queriam passar a mão no pintinho, sentir a textura do seu corpo e observar as características dele.

A primeira atividade pensada foi uma colagem com casca de ovo, levamos as cascas de ovos inteiras de diferentes cores para as crianças manusearem sentindo a textura, trabalhando a coordenação motora fina e após fizeram a colagem. A segunda atividade proposta foi uma pintura com penas e espigas de milho, as crianças apreciaram



e mostraram estar contentes.

No momento do movimento preparamos a música “Pintinho amarelinho”, em que as crianças dançaram fazendo os gestos, criando movimentos, sendo livres para se expressarem. Em seguida iniciou-se a higienização das crianças pela professora, a refeição e o momento do descanso.

No segundo dia de intervenção tivemos como objetivo fazer com que as crianças reconhecessem os animais como seres vivos e suas características, ampliando os conhecimentos que as crianças têm com o mundo animal. Oportunizando o desenvolvimento da curiosidade e da capacidade de observação, levando as crianças a um aprendizado significativo, fazendo com que eles possam reconhecer e imitar os sons dos animais de forma lúdica.

Foi realizada primeiramente a recepção das crianças, com animais e caixas, podendo colocar dentro da caixa e tirá-los, tendo como intuito trabalhar os conceitos de dentro e fora. No segundo momento foram expostas figuras de animais para que eles falassem o nome, o tamanho, as cores, entre outras características. Cantamos músicas com os nomes dos animais até o momento do café da manhã.

No momento da rotina as crianças foram conduzidas a sentar em roda trabalhando chamada, quantos somos e como está o tempo. Posteriormente as crianças permaneceram em círculo para ouvir a história da vaquinha, momento muito importante para o desenvolvimento da imaginação, da linguagem e da atenção.

A contação de histórias é uma prática pedagógica que exercita as conexões neurais da criança fazendo com que ela se identifique com as situações e desenvolva meios de lidar com seus sentimentos. A autora Cléo Busatto (2012, p. 40) ressalta importância estimular as crianças desde a educação infantil a contar histórias, incentivando a socialização com os colegas, desenvolvendo capacidades de se expressar diante de diversas pessoas, por meio dos personagens as crianças iram saber lidar com seus medos, tristezas, como cita Busatto (2012, p. 40): “[...] Ao mesmo tempo estará entrando em contato com os afetos, pois ao dar forma e expressão aos sentimentos contidos no texto ela aprenderá a lidar com os seus, [...]”.

Na atividade proposta as crianças trabalharam em conjunto para a confecção da vaca, que foi produzida com caixas de papelão. Os pequenos carimbaram suas mãos simbolizando as pintas da vaca. Em seguida foram ordenhar, para as crianças vivenciarem este momento, foi utilizado uma luva cirúrgica. Dentro dela foi colocado leite, feito um furo pequeno e, quando elas pressionavam, saía o líquido. Esta vivência proporcionou muita diversão, pois era algo muito novo para a turma. Realizamos a experiência “explosão de cores”: nesta atividade foi trabalhado de maneira lúdica as cores, a forma com que elas se misturam possibilitando novas compreensões da realidade visual. Em seguida as crianças foram conduzidas de dois em dois para o momento da higienização. O horário da refeição e por fim o momento do descanso.

Destacamos que neste dia havia quatro crianças em fase de adaptação. Desta forma, houve muito choro em alguns momentos tivemos que parar as atividades para acalmar a turma que estava agitada e as crianças que estavam chorando. Devido a esta circunstância houve atividades que não foram realizadas como estavam planejadas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todas as informações dispostas neste estudo podemos concluir que a criança é um ser único e singular. Compreendemos, ainda, que por meio da brincadeira elas se desenvolvem de forma integral, passando a entender o mundo em que estão inseridas. Sendo assim, é preciso conscientizar toda a sociedade que a brincadeira não é só diversão, mas que auxilia na forma de educar, socializar e de construir novas possibilidades de organização das funções psicológicas superiores dos indivíduos.

Podemos concluir que as crianças precisam de um tempo livre, sem ter atividades orientadas pelo professor para que consigam escolher suas preferências, ou seja, desenvolver sua independência, inventando brincadeiras de forma conjunta com outras crianças sem a intervenção de um adulto. Quando o brincar é espontâneo, isto é, na "fantasia", a criança exterioriza sua realidade interior, libera sentimentos e expressa suas próprias opiniões.

A brincadeira traz inúmeros benefícios para a formação do indivíduo sendo necessário que o professor seja qualificado e tenha comprometimento com a educação. O educador deve ser um indivíduo sensível que consiga observar as crianças para melhor planejar as suas aulas e estabelecer um momento para o brincar, pois a atividade lúdica consegue atingir o desenvolvimento coletivo e individual das crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasil, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017**. Brasil, 2017.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasil: MEC, 2010.

BUSATTO, C. **Contar e Encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DAHER, A. A conversão do gentio ou a educação como constância. *In*: VIDAL, D. G. e HILSDORF, M. L. S. **Brasil 500 anos: tópicos em história da educação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

GEBARA, A. Civilização e descivilização na América Latina: o caso brasileiro. *In*: GOETTER, J. e SARAT, M. **Tempos e espaços civilizadores: diálogo com Norbert Elias**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2009.

GUIMARÃES, D. **Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética**. São Paulo: Cortez, 2011

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo, Cortez 2010.



MARIOTTO, R. M. M. Atender, cuidar e prevenir: a creche, a educação, a psicanálise. **Estilos da Clínica**. v.8 n.15 São Paulo jun. 2003.

PIAGET, J. **A Formação do Símbolo na Criança**: imitação, jogo e sonho. Rio de Janeiro: Zandar, 1978.

PRIORE, M. D. O papel branco, a infância e os jesuítas na colônia. *In*: PRIORE, M. D. **História da criança no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

PRIORE, M. D. **Histórias da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

SANTOS, S. M. P. dos.; CRUZ, D. R. M. da. **Brinquedo e infância**: um guia para pais e educadores em creche. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.